

GUSTAVO CERBASI

AUTOR DE *CASAIS INTELIGENTES ENRIQUECEM JUNTOS*



DINHEIRO: OS SEGREDOS DE QUEM TEM

COMO CONQUISTAR E MANTER SUA INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA



SEXTANTE

*A minha esposa, Adriana, verdadeira inspiração para este livro,
para meus trabalhos e para minha vida.*

Sumário

Prefácio da edição de 2010	9
Prefácio da edição de 2016	11
Introdução	13
1. O dinheiro não traz felicidade	21
Compromisso	21
Ficar rico é o objetivo?	22
Dinheiro traz felicidade?	24
Dois tipos de pobre	25
Um problema cultural	27
Você estará tranquilo?	29
O que é uma pessoa bem-sucedida?	29
Onde está o erro?	31
Aposentadoria? Tão cedo?	33
Durante quanto tempo?	34
Até quando viveremos?	35
Algo precisa ser feito – por onde começar?	36
2. Os quatro grandes erros das pessoas pobres	39
Por que as pessoas não enriquecem?	39
O desprezo pelos pequenos valores	40

O descaso por uma boa negociação	49
A ausência de percepção financeira	54
Não saber aonde se quer chegar	62
3. Preparação do terreno	65
Como se constrói a riqueza?	65
Hora de reunir os ingredientes	69
4. A fórmula da abundância financeira	79
Como ficar rico?	79
Como gastar menos do que se ganha?	81
Massa crítica: atinja a independência financeira	92
5. Ponha seu plano em prática	99
Como definir sua renda desejada? Não é difícil	99
Um exemplo para pensar e aplicar	109
Os argumentos são questionáveis?	114
Nunca esqueça a inflação	116
Quanto e como investir?	120
Em que investir?	124
Esteja pronto para as oportunidades	138
Temos um plano completo!	141
6. Agora é com você	143
Cuidado com os pontos fracos do plano	143
Cuidado ao assumir compromissos	145
Dízimos e doações	146
Dúvidas que um dia passarão por sua cabeça	147
Você não é o único que tem a ganhar	150
7. Cuide do mais importante	153
Não pare por aqui	157
Agradecimentos	159

Prefácio da edição de 2010

*D*inheiro: os segredos de quem tem foi meu primeiro livro, criado a convite – aliás, sob intensa insistência – de meu amigo e editor Roberto Shinyashiki. Quando o escrevi, no final de 2002, o que me motivava a fazê-lo era meu inconformismo com a cegueira generalizada dos brasileiros diante de tamanha oportunidade de mudar a história de suas vidas. Eu via, nas notícias e nos bancos, um forte convite à formação de poupança, uma vez que os juros superavam os 20% ao ano e a inflação caía para a casa de 10% a 12% ao ano. Na época, com apenas esse investimento, era possível dobrar meu capital a cada três anos, ou a cada cinco ou seis anos em termos reais.

Por outro lado, eu via boquiaberto uma incrível procura dos brasileiros pela compra financiada, ou a crença generalizada de que o cheque especial estava entre os maiores benefícios de se ter conta em banco. Em minhas aulas, contas simples deixavam os alunos estupefatos, o que os motivava a começar a poupar. Outros professores de finanças e contabilidade orientavam da mesma maneira.

Em um período de pouco mais de uma década, vimos uma transformação sem precedentes na história econômica do Brasil. A educação financeira invadiu todos os veículos de imprensa. Os bancos passaram a investir milhões em cartilhas, sites e treinamentos para não perder seus clientes. O cheque especial deixou de ser o produto de crédito mais utilizado – hoje não está nem entre os três mais utilizados. O número de investidores pessoas físicas na Bolsa de Valores

de São Paulo saltou de meros 25 mil para mais de 600 mil. Os livros de finanças pessoais passaram a ter uma seção exclusiva nas livrarias. Uma estratégia de educação financeira em nível nacional começa, enfim, a ser aplicada nas escolas.

Hoje o brasileiro quer enriquecer. Melhor, ele sabe como fazê-lo, talvez só esteja precisando criar coragem e se organizar para iniciar o processo. Esse é meu objetivo com este livro. Ao relançá-lo, tive que recriar exemplos, baixando a rentabilidade bruta da renda fixa de mais de 1,2% para cerca de 0,6% ao mês. A inflação também teve que ser ajustada, pois os antigos 0,5% ao mês já não faziam tanto sentido. Quanto mais a família brasileira consome, mais a inflação de sua cesta de consumo cai, e hoje já é inferior aos indicadores oficiais.

A receita para construir riqueza não mudou, mas os argumentos, os exemplos e os meios são outros. Como a nova realidade da economia brasileira é bem mais estável e saudável do que há oito anos, provavelmente não terei, daqui a oito anos, o mesmo trabalho que tive nessa revisão. Talvez, surpreendentemente, as adaptações necessárias para a publicação deste texto no exterior sejam mínimas. A realidade é outra, e é bem melhor para todos nós.

Fico feliz de ter vivido essa transformação desde o início e de ter contribuído com uma pequena parte do processo de alertar as pessoas para a oportunidade. Quando escrevi o livro, eu estava no começo do processo de construção de minha independência financeira. Hoje, eu já a alcancei. Espero que a leitura do livro o entusiasme a iniciar seu planejamento pessoal, mas espero mais ainda que você, como eu, daqui a alguns anos se surpreenda com os resultados dele. O trabalho dignifica o homem, mas uma vida financeiramente planejada dignifica o trabalho.

São Paulo, outubro de 2010.

Prefácio da edição de 2016

Ao revisar este texto para relançamento pela Editora Sextante, fiz questão de manter o prefácio feito há cinco anos para a edição anterior. Ele retrata muito bem a instabilidade e a fragilidade da economia brasileira. Oito anos após escrever a primeira edição, que foi a obra que inaugurou uma lista que hoje chega a 14 livros de minha autoria, eu celebrava as conquistas da economia brasileira e da educação financeira. Inflação sob controle, solidez da economia após a crise internacional de 2008, oportunidades em diversos mercados de investimento e juros próximos aos de países desenvolvidos faziam parte de nossa realidade. O real forte convidava os brasileiros a viajar e consumir no exterior. O Brasil atravessara a crise das hipotecas do mercado americano quase sem sofrer consequências. A economia conquistou o grau de investimento nas agências de risco internacionais, o que atraiu investimentos para o país.

O governo aproveitou a pujança e implementou diversos programas sociais e de distribuição de renda. Estimulou o consumo, a formalização dos pequenos negócios, a bancarização da população e o acesso ao crédito. Mas, mantendo uma tradição de má gestão pública que já dura meio milênio, não soube traçar planos sustentáveis, que fossem além das eleições. O mau uso do dinheiro farto e o estímulo ao crescimento sem a devida calibragem jogaram as famílias e o próprio governo no endividamento. Em 2015, confirmou-se outra tradição: após todo período de pujança, vem o período de ajuste – que

costumamos chamar de crise. Como a festa foi grande na bonança, na crise a conta chega, e chega salgada. Vivemos tempos difíceis de inflação crescente, queda na renda e no emprego, fuga de capitais do país, juros em alta, crédito em baixa, pessimismo nos diversos mercados de investimento.

Os indicadores econômicos não se mostram tão desastrosos a ponto de evidenciar ganhos fáceis nos investimentos de renda fixa como eu observara em 2002. Mas este cenário convida as famílias à cautela. Como sempre, durante o período de ajuste haverá os mais preparados, com reservas financeiras para aproveitar oportunidades. Essas oportunidades são criadas pelos menos preparados, que, diante da falta de recursos, tornam o consumo e os investimentos menos competitivos. Como toda crise, esta terá seu tempo para passar. Como é tradição no Brasil, passará com a ajuda de políticas emergenciais, que afetarão as próximas eleições mas que não serão sustentáveis a longo prazo. Em algum momento, veremos a economia se recuperar, dando mais uma chance às famílias brasileiras de aprenderem a lidar com planejamento e com as oportunidades.

Ao ler este livro, você estará se preparando melhor para o sucesso financeiro. Se este texto chegar a suas mãos anos depois de ser publicado, talvez você esteja vivendo em meio a outra crise econômica, ou em outro período de recuperação. Não importa. As regras que aqui escrevi e revisei várias vezes continuarão válidas. Aproveite: o Brasil oferece muito mais oportunidades de errar e de aprender com os erros do que os países desenvolvidos, onde os ciclos econômicos são mais longos, mais sustentáveis e onde as crises e as recuperações não são tão intensas.

Construa sua prosperidade, multiplique seu conhecimento, fomente a educação financeira entre os mais jovens e seus amigos. Aos poucos, com conhecimento e consciência, moldaremos um país em que as escolhas serão cada vez melhores. Todos têm a ganhar com isso.

São Paulo, outubro de 2015.

Introdução

Você está tranquilo em relação ao futuro? Se estivesse, poderia considerar-se uma agulha em meio a um imenso palheiro, tão felizando quanto um ganhador de loteria. Você seria uma rara exceção. Mas tenho certeza de que não está, caso contrário não leria este livro.

Sou palestrante, professor e consultor financeiro de famílias. Convivo diariamente com pessoas que buscam solução para seus problemas financeiros. Conheci muita gente humilde, que vive com muito pouco dinheiro, mas não tem a menor esperança de algum dia possuir “algo mais” na vida. Convivo também com gerentes de empresas, estudantes de boas instituições de ensino. Muitos até se consideram experts em finanças, mas a maioria nem sequer tem expectativa quanto a aonde quer chegar. Este livro surgiu da dor, como profissional da área, de ver tanta gente perder rios de dinheiro sem se dar conta – acredite, você faz isso! –, de ver tanta gente sofrer na terceira idade por ter passado a vida toda contribuindo para uma Previdência que hoje não paga seu alimento. Não se pode confiar exclusivamente na Previdência Pública. Na década de 1960, cerca de 30 trabalhadores contribuía para a Previdência Social para cada aposentado; hoje praticamente cada trabalhador sustenta um aposentado. E a razão disso não é o fato de menos trabalhadores contribuírem, e sim o de mais aposentados viverem por mais tempo. Como será no futuro? Certamente, não poderemos confiar nossa sorte à

proteção do governo: temos de garantir sozinhos nossa sobrevivência com dignidade e conforto.

Não será também a empresa para a qual trabalhamos que vai garantir nosso futuro. Muitos executivos de sucesso têm grande parte de seu padrão de vida mantida pela empresa para a qual trabalham. Ganham bons salários, mas são incentivados, a título de status, a manter um nível elevado de gastos, que muitas vezes compromete grande parte desses salários. Seu bom carro, sua boa casa, seu título de um bom clube, seus hobbies e muitos outros mimos são bancados pela empresa. Mas esses executivos perceberão que ninguém dura para sempre em um time e se verão obrigados a deixar seu posto. Com sua saída da empresa irão também seu carro, sua casa e tudo o mais. Como explicar à família que o padrão de vida agora será outro? E aos amigos? E então toda a poupança formada com as sobras do salário de executivo será utilizada na manutenção do elevado padrão de vida de outrora, consumindo-se por completo em pouco tempo. Muitos executivos de sucesso provavelmente terão a vida encurtada por problemas emocionais à medida que perceberem o esgotamento de seu patrimônio. Em que momento da vida ou de seus planos eles erraram?

Ao longo deste livro, você perceberá que pessoas que enfrentam esse tipo de problema erraram na atitude em relação ao dinheiro. Seus planos de poupança visavam algo nebuloso, talvez uma poupança cuja única importância era tornar-se cada vez maior. Se o dinheiro sobrava, havia então uma poupança. Caso contrário, aguardava-se o mês seguinte com certa expectativa de que sobrasse alguma coisa.

Tenho muito orgulho de ser brasileiro, gosto muito de nossa terra, nossos hábitos de vida e de lazer. Sou daqueles que enchem a boca para falar de sua origem quando vão ao exterior. Mas sou obrigado a reconhecer que algumas heranças latinas de nossas características culturais são bastante negativas para nossa sobrevivência. Uma delas é o imediatismo. Dificilmente pensamos no futuro quando tomamos nossas decisões. E há grande contradição nessa

forma de pensar, pois nós, brasileiros, vivemos com uma constante sensação de insegurança. Insegurança quanto ao emprego, quanto ao valor do aluguel, quanto às alíquotas de impostos que pagamos, quanto aos investimentos que fazemos... Mesmo assim, temos uma cultura extremamente imediatista, focamos apenas o presente para tomar nossas decisões.

A construção de sua riqueza requer não somente alguns procedimentos aqui apresentados, mas também uma mudança de postura. Não adianta se arriscar a aplicar as ferramentas apresentadas nos próximos capítulos se não houver mudança de atitude. Trace um plano. Determine aonde você quer chegar ou o padrão de vida que deseja ter. Mude alguns maus hábitos. Fazendo isso, estará pronto para crescer financeiramente.

Este livro foi escrito para um público seletivo, independentemente da renda de cada um. Foi escrito para pessoas que se convenceram de que podem mudar seu futuro para melhor com o próprio esforço. Se você já errou muito, perdeu muito dinheiro na vida, perdeu muitos anos de salário sem saber como construir a riqueza, fico contente por estar lendo este livro. Sempre há tempo de retomar um plano de vida, afinal a medicina pode nos levar longe! Ou a educação pode acelerar sua renda, seus planos e encurtar os prazos necessários para atingir seus objetivos. Se você nem sequer entrou na faculdade e já está preocupado com seu futuro, melhor ainda, porque não houve tempo de cometer muitos erros, e sua riqueza virá para você desfrutar com muita tranquilidade a maior parte de sua vida. Quanto mais cedo seu plano de riqueza começar, mais cedo você alcançará seus objetivos e mais tempo terá para colher seus frutos. Sua aposentadoria poderá ocorrer muito antes de você atingir o auge de sua capacidade intelectual, o que lhe dará a oportunidade de fazer planos mais ambiciosos para o futuro.

Espero que este livro não seja simplesmente mais um dentre vários manuais de práticas financeiras para determinado momento de nossa economia. Espero que sirva de guia de uma verdadeira trans-

formação de sua postura para a prosperidade. Tenha-o sempre ao seu alcance na prateleira: vários conceitos aqui apresentados voltarão a lhe ser úteis dentro de algum tempo.

Antes de continuar a leitura, convido-o a autoavaliar seu perfil financeiro. Assinale ou anote em uma folha de papel, para cada uma das perguntas a seguir, a resposta que melhor se aplica a você.

TESTE

1. Qual das seguintes alternativas melhor define sua situação patrimonial?

- a) Possui algumas dívidas das quais não consegue se livrar ou raramente consegue alguma sobra de recursos no fim do mês.
- b) Seu salário quase empata com seus compromissos ou, com o pouco que sobra, você eventualmente troca de carro ou poupa.
- c) Você tem um plano de investimentos e procura segui-lo objetivamente.

2. Como costuma ser sua decisão de compra de um bem de alto valor, como um carro ou uma casa?

- a) Normalmente troca de carro quando precisa de dinheiro, vendendo o seu à vista e comprando um novo através de financiamento.
- b) Geralmente paga o máximo que pode na entrada e financia o restante.
- c) Só compra à vista, quando tem poupança suficiente para isso.

3. Com quem você se orienta sobre alternativas de investimento?

- a) Procura o gerente de seu banco para que ele lhe proponha as melhores opções de investimento.
- b) Busca seguir o conselho de amigos e parentes.
- c) Consulta seções especializadas em jornais, revistas ou na internet, ou segue recomendações de especialistas de mercado.

4. Como você costuma utilizar o limite do cheque especial?

- a) Você não tem cheque especial, ou possui cheque especial e o utiliza com frequência, praticamente todos os meses.
- b) Utiliza o cheque especial esporadicamente.
- c) Você possui limite do cheque especial, mas nunca o utiliza.

5. Para você, qual das seguintes alternativas melhor define o cartão de crédito?

- a) É uma solução para a falta de dinheiro no fim do mês.
- b) É um péssimo instrumento financeiro, cujo uso arruína qualquer planejamento – em suma, seu uso deve ser evitado.
- c) É um instrumento que, quando usado corretamente, facilita o planejamento financeiro.

6. Como você faz suas compras de supermercado?

- a) Vai ao supermercado sempre que sente falta de algo.
- b) Faz a “compra do mês”, deixando para pesquisar na prateleira tudo de que precisa de uma única vez, a cada três ou quatro semanas.
- c) Elabora uma lista de necessidades e procura comprar estritamente o que estava planejado, a cada duas ou três semanas.

7. Se hoje você recebesse um prêmio de R\$ 100.000,00, que destino lhe daria?

- a) Pagaria dívidas.
- b) Satisfaria alguns desejos, adquiriria bens ou faria doações.
- c) O dinheiro seria quase totalmente investido.

8. Se hoje você perdesse o emprego, durante quanto tempo sua poupança o sustentaria?

- a) Menos de seis meses.
- b) De seis meses a um ano.
- c) Mais de um ano.

9. Quais são seus planos de aposentadoria?

- a) Ainda é cedo para pensar nisso.
- b) Você viverá da aposentadoria paga pelo governo e mais alguma ajuda dos filhos, além de se desfazer de alguns bens para poder se manter.
- c) Você tem um plano de previdência privada ou faz um plano próprio de investimentos.

10. Você tem alguma fonte de renda alternativa a seu salário?

- a) Não.
- b) Eventualmente você obtém ganhos através de trabalhos temporários ou de negociações com bens de valor (carros, imóveis etc.).
- c) Você tem mais de uma fonte de renda (aluguéis, atividades múltiplas, atuação como profissional autônomo, etc.).

11. Qual é o tipo de controle de gastos que você possui?

- a) Você gasta enquanto o saldo no banco permite.
- b) Você procura manter algum tipo de disciplina com os gastos, controlando suas dívidas.
- c) Você tem uma planilha dos gastos do mês, que é periodicamente revisada.

12. Como é seu comportamento de compras em geral?

- a) Quando precisa de algo, compra na primeira loja que encontra.
- b) Você é fiel a determinadas lojas e costuma fazer suas compras sempre nos mesmos estabelecimentos.
- c) Você pesquisa preços em grande parte de suas compras, através de anúncios, telefonemas, internet ou visitas a diversos estabelecimentos.

PONTUAÇÃO:

Atribua, para cada resposta:

- a**, um ponto;
- b**, dois pontos;
- c**, três pontos.

RESULTADOS DO TESTE

12 a 17 pontos: você é bastante descuidado em relação ao dinheiro e, em razão disso, provavelmente tem problemas financeiros com frequência. Se alguns de seus hábitos em relação ao dinheiro não forem mudados, você poderá ter sérias dificuldades no futuro.

Você, que se encontra neste grupo, será um dos maiores beneficiados pela leitura deste livro, principalmente quando aponto, nos primeiros capítulos, os maus hábitos a serem corrigidos.

18 a 29 pontos: você tem consciência da importância de dar atenção ao planejamento financeiro e, provavelmente, não costuma ter problemas desse tipo. Mas ainda precisa melhorar alguns de seus hábitos para que essa consciência se transforme em riqueza a longo prazo. O planejamento financeiro que proponho neste livro deve ser exatamente o que estava faltando para que seu futuro esteja garantido.

30 a 36 pontos: parabéns! Você está no caminho certo para ter um futuro financeiramente seguro e estável. Se ainda não possui um plano de independência financeira claramente definido, não terá dificuldades em implementá-lo ao longo desta leitura. Se você já pratica algum tipo de planejamento, tenho certeza de que este livro contribuirá para uma revisão desse plano para melhor.

Boa leitura!

O dinheiro não traz felicidade

*“Renda anual 20 libras, despesa anual 19 libras,
19 xelins e 6 pence, resultado: felicidade.
Renda anual 20 libras, despesa anual 20 libras,
zero xelim e 6 pence, resultado: miséria.”*

DICKENS (1812-1870)

COMPROMISSO

O objetivo deste livro é ajudá-lo a se tornar uma pessoa mais rica. Um objetivo simples de definir, mas não tão simples de alcançar, pois o sucesso dele dependerá única e exclusivamente de você. Não dependerá de quanto você tem ou ganha hoje, mas do que irá fazer para ter aquilo que deseja. Por isso, ao iniciar a leitura, esteja preparado para assumir um compromisso com você mesmo. Um compromisso que irá mudar sua vida definitivamente, mas que dependerá de sua consciência de que nada virá por acaso. Você será o agente da mudança.

Peço-lhe apenas um compromisso. Eu começo este livro questionando se o que realmente buscamos é o dinheiro. Leia este primeiro capítulo com muita atenção. Ele será fundamental para que o dinheiro não lhe falte no futuro.

FICAR RICO É O OBJETIVO?

As chances de que você, ao procurar o caminho do enriquecimento, esteja enveredando por uma trilha errada são bastante grandes. Reflita bem sobre seus objetivos. Pense no porquê da riqueza como a meta primordial de sua vida. Este é um exercício importante para que tire o máximo proveito da leitura. Pense no *significado* da riqueza para você. *O que* você define como riqueza?

Se, para você, riqueza é ter recursos suficientes para comprar o carro dos seus sonhos, uma casa imensa de frente para a praia ou uma viagem ao redor do mundo, lamento dizer que, quando conseguir isso, provavelmente sua frustração será muito grande. Você perceberá que a posse de bens materiais apenas alimenta a ansiedade pela acumulação cada vez maior de novos bens. A ganância humana não tem limites, e por isso a aquisição material jamais o fará feliz.

A melhor prova disso está a seu alcance. Leia jornais e revistas e veja os fatos. Existem centenas de exemplos de pessoas endinheiradas que não são felizes. Suicídios, divórcios e tragédias são tão frequentes entre os abastados quanto entre os miseráveis. E é muito fácil encontrar felicidade numa comunidade simples, em que o convívio e as atividades sociais proporcionam um prazer que salta aos olhos de todos. Veja um grupo de feijoada e pagode, tão comum nas favelas do Rio de Janeiro: aquela felicidade pura e simples não transparece tão claramente nas páginas da revista *Caras*.

Uma pesquisa da Gallup feita com 450 mil americanos entre 2008 e 2009 constatou um fato que, a princípio, contesta minha afirmação. Segundo a pesquisa, publicada em setembro de 2010 no periódico científico *Proceedings of the National Academy of Sciences*, o bem-estar emocional das pessoas – ou seja, a felicidade – é proporcional à sua renda até o patamar de US\$ 75 mil anuais, ou pouco mais de US\$ 6 mil mensais. Inicialmente, você poderia interpretar que dinheiro compra felicidade, e que ela tem um preço. Porém, a mesma pesquisa afirma que a felicidade aumentava conforme a renda cres-

cia, mas o efeito parava aos US\$ 75 mil. Ou seja, uma vez atendidas as necessidades básicas da família, o aumento de renda não conseguia se traduzir em maior felicidade.

A renda de US\$ 6 mil é compatível com a classe média americana, necessária para bancar a compra da casa própria, de um carro, de uma educação de qualidade para os filhos, mas sem muitos luxos. No Brasil, esse padrão de vida pode ser conquistado com ganhos na casa dos R\$ 6 mil a R\$ 10 mil, dependendo de onde a família vive. Segundo os autores da pesquisa, quando os ganhos estão abaixo desse patamar, os problemas são tão imediatos que é difícil ser feliz. Isso interfere no contentamento com a vida que se leva.

Uma pesquisa mais antiga do Ibope, divulgada no fim de 2002, trazia uma estatística interessante: 41% das pessoas com renda mensal igual ou inferior a R\$ 379,00 declaravam-se felizes, enquanto apenas 25% das pessoas com renda superior a R\$ 4.500,00 afirmavam o mesmo. Em outras palavras, uma parcela maior das pessoas com menor renda se autodenominava feliz em comparação à população de maior renda no Brasil. Um detalhe interessante que se conclui dessa pesquisa: como a maioria da população brasileira está na faixa inferior de renda, não se pode negar que o povo brasileiro seja feliz.

Contudo, diante dos obstáculos para conquistar um nível de renda que lhe garantisse a felicidade, se lhe fosse proposta uma opção entre dois caminhos a seguir na vida, qual você escolheria: ter muito dinheiro ou ser feliz? A resposta não é difícil.

Felizmente, a vida não lhe impõe uma escolha tão impiedosa. Você pode escolher um caminho de coexistência entre riqueza e felicidade, mas não haverá placas na beira da estrada indicando esse caminho. Perceber que ele está diante de sua vida é uma decisão consciente, que independe da sorte ou da esperança de que a solução dos problemas caia dos céus em seu colo. Ao iniciar a leitura deste livro, seus primeiros passos para o caminho certo já foram dados. Esteja preparado para, a partir de hoje, mudar sua vida. É um esforço que dependerá de você, esteja certo disso.

DINHEIRO TRAZ FELICIDADE?

Pense na pergunta que você certamente já ouviu: “Dinheiro traz felicidade?” Antes de rebater com a tão manjada brincadeira “Não traz, manda buscar”, pense no sentido da palavra felicidade para você.

Você ainda curte seus prazeres de adolescente? Se não curte mais, em algum momento da vida deliberadamente *escolheu* deixar de curtir esses prazeres? Você já deu, esta semana, um abraço forte nas pessoas que ama? Conseguiu se espreguiçar na cama por uns dois minutos hoje de manhã? Se você é pai, quantas horas dedicou ao prazer de curtir o carinho de seu filho na última semana? Quantas horas ficou debruçado na janela para ver o espetáculo que a última chuva proporcionou ao fazer a água correr pela rua? Quantos tipos de cantos de passarinhos você consegue ouvir de sua janela ao amanhecer? Há quanto tempo não canta sozinho, não dança sem música, não faz planos para um fim de semana em casa?

Perceba que muitas das coisas importantes da vida são gratuitas. Quantas pessoas estão deixando de curtir as coisas mais importantes da vida, estão deixando a vida simplesmente passar? Quanto custaria gastar um pouquinho do seu tempo para simplesmente *curtir*? Nada.

Curtir a vida pode não custar nada se você quiser.

Você, porém, não consegue aproveitar nem uma pequena parcela da enorme quantidade de presentes que Deus lhe dá todos os dias. E a razão de não aproveitar esses lances de felicidade é justificada por milhares de desculpas. A principal delas é a correria do dia a dia, motivada por um ritmo intenso de trabalho, que por sua vez é justificado por lhe trazer *dinheiro*, o qual será usado para pagar as contas e dar acesso às coisas que lhe dão prazer. Esteja consciente de que você abre mão de prazeres, de sua família, de seus amigos e de você mesmo para poder ter tudo isso *após* o trabalho.

Como já expliquei, a falta de dinheiro pode gerar um grande número de problemas imediatos que irão interferir em sua felicidade. Porém, dinheiro e felicidade são riquezas diferentes. Podemos entender o dinheiro como uma espécie de potencializador da felicidade. Quanto mais feliz você for, mais o dinheiro o ajudará a fazer escolhas que lhe tragam mais felicidade. Pessoas infelizes, por outro lado, podem cair em desgraça se ganharem na loteria.

DOIS TIPOS DE POBRE

Perceba bem: as melhores coisas da vida estão disponíveis para qualquer ser humano. Ganhar bem é diferente de ser rico. Há muita gente com muito dinheiro que declaradamente não é feliz, assim como tem muita gente que vive humildemente e diz de boca cheia que é feliz. As pesquisas mostraram isso.

Convença-se de que sua meta, a partir de agora, é ter muito dinheiro e também ser feliz. Uma pequena parcela da população consegue unir o útil ao agradável, mas com certeza essa parcela consegue isso porque busca esse objetivo de maneira consciente.

Você, leitor, está buscando o aumento de sua riqueza.

Há dois tipos de pobre: os pobres *sem* dinheiro e os pobres *com* dinheiro. Os sem dinheiro têm uma longa batalha pela frente, mas ainda poderão chegar lá. Muito pior é o caso dos pobres com dinheiro, que talvez vejam o dinheiro como um fim em si mesmo e não têm outro objetivo na vida a não ser adquirir bens materiais. Se você está nesse grupo de pessoas, busque auxílio de um terapeuta. Ele certamente o ajudará. Não é esse tipo de riqueza que você será incentivado a construir lendo este livro.

Parabéns se você se enquadra no *outro* tipo de pobre, aquele sem dinheiro ou aquele consciente de que sua poupança não será suficiente para a sobrevivência. Este livro lhe será muito útil. Muitos se enganam ao pensar que nunca terão dinheiro, pois não o têm porque não fizeram questão disso.

Sua riqueza não depende de quanto você ganha, mas de quanto gasta ou do que faz com aquilo que ganha.

Algumas pessoas são e sempre serão pobres porque ser pobre está no seu jeito de viver, de pensar e de ver as coisas. Ao deparar com algo que realmente gostaria de ter na vida, um objeto de desejo, talvez uma bela casa, um pacote de viagem ou um carro muito caro, o pobre, como qualquer outra pessoa, tem sentimentos de admiração e inveja. De cara, porém, esses sentimentos convertem-se em uma postura de resignação. Seu pensamento pode ser traduzido como algo do tipo:

“Que inveja... Que cara de sorte! Feliz é aquele que pode ter um desses... Eu tenho que me contentar mesmo com o que tenho, não nasci em berço de ouro...”

Outras pessoas, porém, talvez não sejam ricas hoje, mas têm grandes chances de se tornar ricas, pois pensam como os ricos. Os sentimentos que passam por sua cabeça diante de um objeto de desejo não são muito diferentes dos de um pobre, mas sua *atitude* é completamente diferente. Seu discurso seria mais ou menos assim:

“Que inveja... Que cara de sorte! Feliz é aquele que pode ter um desses... O que será que esse cara fez para conseguir isso? O que será que eu preciso fazer para ter um desses?”

Compare as duas frases. Percebeu a diferença? A grande diferença entre os que estão no caminho da riqueza e os pobres “crinas de cavalo”, que crescem para baixo, é o empreendedorismo, a capacidade ou a atitude de fazer *planos* para crescer. Cada objetivo novo na vida transforma-se em um problema para o qual se buscará uma solução.

O que eu busco neste livro é formar a consciência de que para conseguir a riqueza é preciso seguir um caminho planejado, talvez

passar por algum sacrifício, e fazer isso conscientemente. É como fazer regime: você está fora de forma porque tem maus hábitos, que precisam ser mudados para obter resultado. E a maior dificuldade da mudança estará no começo, como acontece em um regime.

UM PROBLEMA CULTURAL

Quando analisamos a cultura de um povo, observamos, entre outras coisas, as características de comportamento comuns à grande maioria de seus indivíduos. Se nos dedicássemos a analisar a cultura financeira do povo brasileiro, perceberíamos que existe um nítido padrão de comportamento quanto aos objetivos de investimento e planos pessoais de grande parte da população. Nossos parentes e amigos nos induzem a fazer determinados planos, a conquistar títulos, diplomas e posições hierárquicas e também a adquirir posses materiais comparáveis às dos nossos amigos e vizinhos.

A noção de riqueza de nossa cultura latina está, antes de tudo, associada a bens materiais ou algo que possa ser mostrado – ou melhor, exibido – aos nossos amigos e parentes para que estes afirmem em coro: “Está se dando bem, não?” Perceba como isso é verdadeiro no planejamento patrimonial de cada um de nós.

Logo que entramos na faculdade, ou alguns meses depois, temos como verdadeira obsessão a conquista de certos bens que a grande maioria de nossos amigos já tem. Não estou falando de futilidades e acessórios da moda, como smartphones e roupas de marca. Refiro-me ao item que aparece no topo da relação patrimonial de todo jovem, que é o primeiro automóvel, verdadeiro símbolo de liberdade, afirmação social e status. Muitos jovens ou profissionais em início de carreira fazem de tudo para conseguir o primeiro carro, muitas vezes sacrificando a maior parte de seu salário ou de sua bolsa-estágio. E, o que é pior, normalmente para pagar o financiamento ou consórcio de um carro zero-quilômetro, novinho em folha. “Já dá para pagar a prestação de um modelo básico”, é o que pensam.

Quanto vale o cheirinho de um carro novo? Quanto vale a tranquilidade de um carro novo? Quanto vale poder mostrar aos amigos que se possui uma das novidades do mercado? Para essa pessoa, vale muito. Está escrita, então, a primeira linha de seu patrimônio pessoal. E também a primeira linha das dívidas assumidas, já que o carro será pago ao longo de três anos ou mais. Mas, tudo bem, cabe no orçamento...

Passa o tempo e surgem novos objetivos. Chega o momento em que o jovem reconhece que a adolescência já passou, que é hora de encarar a vida e construir o próprio caminho. Hora de pensar no futuro. Quem sabe até pensar em casamento? Uma breve consulta aos amigos e parentes faz com que você perceba que segurança é ter casa própria. “Aluguel? É pagar a vida inteira e nunca ter o bem!” “E se você perder o emprego? Pelo menos tem casa própria!” “Nada como a felicidade de morar no que é seu.” Esses são alguns dos argumentos que fazem com que a segunda grande preocupação da vida em relação ao patrimônio seja a aquisição da casa própria. Após algum tempo de pesquisa, faz-se a opção por um imóvel na planta – “vale a pena” – ou por um financiamento do Sistema Financeiro de Habitação. E agora temos nossa segunda grande conquista patrimonial. Ah, claro, e uma dívida que se arrastará por 20 anos ou mais. Sem contar que, a essa altura, seu salário evoluiu e seu carro “cresceu” com o salário. Mas em três anos estará pago...

E assim vamos seguindo em frente, construindo nosso patrimônio, tendo como *grande preocupação* a adequação do padrão de vida à nossa renda.

E nossos sonhos vão, com muito custo mas com grande satisfação, tornando-se realidade: a casa de campo, a casa de praia, o título do clube... E o carro (ou os carros) da família vai acompanhando nosso crescimento: cada vez maior, mais caro e com um custo de manutenção mais elevado. Se você for um profissional muito bem-sucedido, suas conquistas materiais refletirão isso: fazendas, iates, carros e mais carros. Essas são as grandes preocupações da maioria das pessoas.

Digamos que, no final de sua carreira de trabalho – ou da primeira delas, pois muitos iniciam nova carreira aos 60 anos –, suas contas estejam finalmente pagas e seu patrimônio possa ser avaliado em R\$ 1 milhão ou mais. A declaração de imposto de renda será até motivo de orgulho!

VOCÊ ESTARÁ TRANQUILO?

A resposta é: **não**. Você não estará tranquilo porque as grandes conquistas de sua vida – graças a Deus e a muito suor – gerarão para você uma grande preocupação: *contas a pagar*. Seu maravilhoso patrimônio de R\$ 1 milhão ou mais proporcionará a você, nesse momento, além de um grande prazer, contas intermináveis. Impostos dos mais diversos tipos, mensalidades de clubes e marinas, caseiros dos seus imóveis, gastos com manutenção, seguros... Não tem mais fim.

Você perceberá, talvez antes mesmo do final de sua carreira, que terá se transformado em um verdadeiro homem-holerite,¹ aquele que corre atrás do ordenado para *sobreviver*. Uma espécie de escravo do trabalho, que se verá obrigado a batalhar árdua e incessantemente para garantir, no fim do mês, os recursos consumidos por completo no pagamento de contas. Contas que não foram impostas a você. Você mesmo as criou.

O QUE É UMA PESSOA BEM-SUCEDIDA?

O problema aqui apresentado é muito sério, pois envolve decisões e consequências para uma vida toda. É um problema cultural, pois a maioria das pessoas que você conhece passa pelas mesmas emoções e dificuldades.

¹ Minha gratidão ao professor Edson Ferreira de Oliveira, companheiro de muitos cursos, que criou a definição perfeita para esse tipo de pessoa. O termo “holerite”, muito usado no estado de São Paulo, é sinônimo de contracheque.

O materialismo associado à nossa cultura acaba por gerar problemas no final de uma carreira de sucesso. Ao se aposentar, o profissional bem-sucedido que depara com centenas de contas a pagar percebe que sua realidade financeira está muito longe dos compromissos, e então começa a se desfazer dos bens. Usando argumentos enlatados e preconcebidos, alega que, para se aposentar, não é preciso mais que um mínimo para se manter e estar com a família. E o que se observa é um verdadeiro rebaixamento do padrão de vida familiar. Algo que alguém de fora encara com naturalidade, já que quase todas as famílias passam por isso, mas na verdade pode ser traduzido como uma verdadeira tragédia familiar. Pense: você se vê obrigado a se desfazer de tudo aquilo que construiu ao longo de uma vida de suor e sonhos.

Não é preciso esperar a aposentadoria para passar por esse drama: imagine sua família com a obrigação de mudar-se para um bairro mais afastado ou desvalorizado por não poder arcar com o aluguel, ou a necessidade de tirar seu filho de uma boa escola particular para matriculá-lo em uma escola pública de padrão inferior, em razão das mensalidades incompatíveis com seu orçamento. Acontecerá a mesma coisa na aposentadoria se não houver um planejamento adequado.

O aposentado que se vê diante de diversos cortes no orçamento enfrenta a amargura da queda do padrão de vida. Um dia, todos descansaremos em paz, mas alguns partem mais cedo porque não suportam a depressão de uma aposentadoria repleta de perdas materiais.

E esse não é um problema que atinge apenas os assalariados. Repare no executivo bem-sucedido com seu carro importado no trânsito, com uma roupa de grife, ostentando uma declaração de imposto de renda com bens invejáveis. Algo de que se orgulha, mas que em um futuro não muito distante pode se tornar seu maior motivo de preocupação, pois nada daquilo é dele. Muitos profissionais sustentam seu padrão de vida com os benefícios oferecidos pela empresa.

Carros, títulos de clube, aluguéis de casas, viagens, escolas caras para os filhos, almoços e jantares. Esse profissional, mais que qualquer outro, é um homem-holerite. Um escravo do trabalho. A perda do emprego significa, para ele, o fim brusco de um bom padrão de vida. Muitas vezes tais profissionais não suportam essa perda, têm vergonha de dividir o problema com a família, acabam afundando em dívidas e problemas, arruinam sua vida ainda jovens. Talvez esteja aí parte da razão de uma parcela tão reduzida das pessoas com renda superior declarar-se feliz.

Parece incrível, mas a grande maioria das pessoas que conhecemos tem grandes chances de enfrentar problemas parecidos com os expostos até aqui. E como as pessoas não aprendem com o erro dos outros? Como esses ensinamentos não são passados adiante?

A resposta é difícil, mas tenho certeza de que há duas razões principais para isso acontecer. Primeiro, por ser um problema que começa em nossas características culturais de ostentação. Somos pressionados a construir um patrimônio incompatível com nossa renda. Segundo, porque são poucos os que encaram a situação da perda de padrão de vida com os pés no chão, assumem o erro e alertam os demais para não repeti-lo.

Todos começam gerando seus problemas da mesma forma, e acabam tentando solucioná-los com ações muito parecidas, usando uma receita que jamais proporcionou felicidade: desfazer-se do que foi construído durante uma vida.

ONDE ESTÁ O ERRO?

Quando afirmo que o problema é cultural, refiro-me ao fato de que nem todas as culturas valorizam tanto a posse material e também porque alguns costumes e “manias” de outras culturas tornam mais pessoas ricas para fazer o dinheiro girar na economia.

Veja o exemplo da comunidade judaica. Muitas das piadas sobre judeus e turcos referem-se a relações supervalorizadas ou, em

muitos casos, mesquinhas com o dinheiro. Essa fama, obviamente exagerada e com boas pinceladas de caricatura, vem de características culturais desses povos que valorizam a negociação, o enriquecimento – não necessariamente a posse de bens específicos – e o sucesso nos negócios próprios. As crianças judias não têm aulas de negociação e finanças nas escolas. Elas simplesmente seguem o exemplo dos pais. E, ao longo da vida, valorizam bastante a riqueza construída com seu suor, batalhando muito para não perder seu patrimônio.

A cultura americana está bastante presente nos filmes vistos pelos brasileiros e, por isso, muitos de seus hábitos são de conhecimento da maioria das pessoas. Veja outro exemplo bastante interessante, que uso como comparação com nosso jovem que está ávido por um automóvel aos 18 anos.

A maioria dos jovens americanos passa por uma mudança drástica de vida ao entrar na faculdade. Independentemente do padrão de vida que possuía, o jovem americano sabe que, ao entrar na faculdade, passará a ser o senhor de sua vida, sem amparo dos pais para moradia e transporte. Quando muito, tem faculdade e alimentação pagas pela família e é obrigado a fazer “bicos” para arcar com os outros gastos. A grande obsessão de todo jovem americano não é fazer “bicos” para pagar a prestação do carro – eles contam com um bom sistema de transporte público e, quando não o têm, compram carros que são verdadeiras pechinchas, com vários anos de uso. Todo o seu esforço financeiro está concentrado em conseguir, no menor prazo possível, o sonho de qualquer americano de classe média: *o primeiro milhão de dólares*.

Alguns planejam conseguir seu primeiro milhão de dólares até os 50 anos. Outros, mais ambiciosos, sustentam que, se seus planos de negócio derem certo, o primeiro milhão chegará antes dos 30.

Qual seria a razão desse número mágico de 1 milhão de dólares? Você pensa que, com esse dinheiro, o objetivo passa a ser então comprar casa, carro, título de clube e casa de praia? Certamente não.

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.



www.sextante.com.br



facebook.com/esextante



twitter.com/sextante



instagram.com/editorasextante



skoob.com.br/sextante

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@sextante.com.br

Editora Sextante
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br